

AMÉRICA LATINA

Cocaína faz o Sendero renascer

Guerrilha maoísta ressuscita graças ao lucro do narcotráfico e espalha uma nova onda de violência pelo Peru

Renata Miranda

As atividades do narcotráfico em áreas cocaleiras do Peru trazem de volta a lembrança dos violentos episódios que abalaram o país durante o auge dos ataques do Sendero Luminoso, nos anos 80. Fortalecidos pelo lucro da produção de cocaína, grupos remanescentes da guerrilha maoísta dão início a um novo capítulo na luta do governo peruano contra os rebeldes. Desta vez, porém, os objetivos econômicos do Sendero parecem se sobrepor aos políticos.

“O novo Sendero não é uma organização que busca poder político – os militantes lutam agora pelo controle das rotas de escoamento da droga”, afirmou ao Estado, por telefone, Jaime Antezana, pesquisador peruano especializado em narcotráfico. “O movimento impulsionado por esse grupo é tão diferente da guerrilha dos anos 80 que é mais apropriado denominá-lo ‘narco-senderismo’. Eles não são como os revolucionários de antigamente.”

VIOLÊNCIA

Depois de passar mais de uma década na obscuridade, os ataques da guerrilha têm-se tornado cada vez mais frequentes. Em menos de dois meses, mais de 20 militares foram mortos, segundo dados do governo. Na semana passada, o presidente Alan García afirmou que os recentes atentados são perpetrados por “traficantes disfarça-



MARIANA BAZO/REUTERS-18/4/2007

CULTIVO – Camponês cuida de folhas de coca expostas para secagem na Amazônia peruana: país é um dos principais produtores da planta

dos de terroristas políticos”.

O Peru é, juntamente com Colômbia e Bolívia, um dos principais produtores mundiais de coca. Segundo Héctor Luis Saint-Pierre, coordenador da área de paz, defesa e segurança internacional do programa San Tiago Dantas (que reúne pesquisadores da Unesp, PUC-SP e Unicamp), o Sendero aproximou-

se dos traficantes depois que teve contato com as Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (Farc), há dois anos.

“O vínculo com o tráfico ajudou o Sendero a melhorar seu estoque de armas”, disse Saint-Pierre. “Todo o financiamento que eles recebem hoje vem das drogas e seus objetivos também se concentram nesse cam-

po – não há mais nenhuma reivindicação política.”

As autoridades peruanas estimam em 300 o número de combatentes ativos do Sendero. Combatê-los se transformou em um grande desafio para García, que tem o índice mais baixo de popularidade desde que assumiu, em 2006 – apenas 19% aprovam seu governo.

“A fragilidade do sistema político peruano sempre deixou aberta a possibilidade de a guerrilha recuperar força”, afirmou o historiador Eduardo Toche, do Centro de Estudos e Promoção do Desenvolvimento, em Lima. “No entanto, o Sendero não é ameaça para o governo.”

Entre 1980 e 2000, a guerra entre o Estado peruano e a guer-

OFENSIVA GUERRILHEIRA

● **18/5/1980:** Sendero Luminoso declara guerra ao Estado peruano, abrindo campanha de violência que deixaria cerca de 70 mil mortos no país

● **16/7/1992:** Carro-bomba explode na Rua Tarata, em Lima, matando 23 e ferindo 100

● **21/3/2002:** Atentado com carga de 50 quilos de dinamite deixa dez mortos e 30 feridos nas proximidades da Embaixada dos EUA, em Lima

● **9/6/2003:** Cerca de 200 guerrilheiros seqüestram 60 pessoas – entre eles policiais e estrangeiros – perto de La Mar, 350 quilômetros ao sul de Lima

● **9/10/2008:** Ataque a comboio militar mata 14 pessoas

● **26/11/2008:** Guerrilha ataca militares e mata quatro pessoas. Já são mais 20 o número de policiais mortos nos últimos dois meses pelo grupo

rilla deixou cerca de 70 mil mortos. Para Antezana, o ressurgimento do Sendero renova o conflito, que agora tem novas metas. “Apesar de as facções remanescentes terem retomado o discurso ideológico, a reinvenção da guerrilha tem apenas um fim: ocultar o que eles realmente são – um braço armado do narcotráfico.”

Entrevista

Juan Carlos Garzón: Cientista político colombiano

México revive terror dos cartéis colombianos

Governos de México, Colômbia e Brasil não conseguem acompanhar o processo de globalização das máfias, diz especialista

Marcelo Beraba

No México, em 2008, os homicídios devem chegar a quase 15 mil, 23% a mais do que no ano passado e quase 30% superior a 2005. São dados do Conselho Cidadão para a Segurança Pública e Justiça que refletem a crescente onda de violência relacionada ao crime organizado, principalmente o envolvimento com tráfico de drogas, e indicam que as medidas adotadas pelo presidente do México, Felipe Calderón, a partir de 2007, ainda não surtiram efeito. Embora grave, a situação da Colômbia e do Brasil, outros dois países diretamente afetados pela violência oriunda da multiplicação de organizações criminosas locais e globalizadas, não se compara à do México. Essa é a avaliação do cientista político colombiano Juan Carlos Garzón, que acaba de lançar o estudo *Mafia & Co - La red criminal en México, Brasil y Colombia* (Editora Planeta). Analista com pesquisas realizadas para a Organização dos Estados Americanos (OEA), Garzón compara o terror que domina hoje grandes áreas do México ao pior período da Colômbia, no início dos anos 1990, quando os cartéis de Cali e de Medellín enfrentaram abertamente as forças do governo colombiano. “A situa-

ção no México hoje é muito grave”, analisa. O estudo de Garzón nos três países conclui que as organizações criminosas estão em rápida e permanente transformação. É errado imaginá-las como funcionavam havia poucos anos, como grandes organizações hierarquizadas, com chefes absolutos, como os capos da Máfia italiana ou o colombiano Pablo Escobar (1949-1993), cabeça do cartel de Medellín. Os cartéis foram substituídos por redes de organizações criminosas que se especializam em setores da economia ilegal e que se associam. A seguir, os principais trechos da entrevista, feita por telefone.

O senhor acaba de concluir um estudo sobre a a ação das organizações criminosas no México, Colômbia e Brasil. Onde a situação é mais grave em termos de violência neste momento?

A situação mais grave é a do México, porque a violência está em ascensão. A situação da Colômbia e do Brasil é grave, mas os indicadores estão estáveis. Não podemos, no entanto, confiar nessa estabilidade. No México, registram-se mais casos de violência e, por isso, as organizações estão mais visíveis. Mas na Colômbia e no Brasil há organizações igualmente poderosas. No México, em algumas zonas de disputa, a violência manifesta-se de maneira muito parecida com o que aconteceu na Colômbia no período dos cartéis, no início dos anos 1990, quando eles estavam dispostos a travar uma



DANIEL AGUILAR/REUTERS-5/11/2007

PÓ – Na base de Manzanillo, soldado mexicano carrega cocaína apreendida

tes. O próprio presidente reconheceu recentemente, ao completar dois anos de governo, que não encontrou a solução para o crime organizado. Mas é um problema generalizado. Nem o Brasil nem o México ou a Colômbia encontraram uma solução para diminuir a influência das organizações criminosas.

Por que?

Na Colômbia, o nível de produção da cocaína continua estável, apesar da fumigação e da erradicação (das plantações de folha de coca). No México, é só ler as notícias publicadas para ver que a política não está tendo os resultados esperados. E, no Brasil, o problema das favelas e a influência dos comandos é um assunto que não está resolvido. A situação no Rio e em São Paulo é de uma tensão calma.

Quais as principais características do crime organizado no México, Colômbia e Brasil?

Nos três países, além de traficar drogas, que é o principal negócio, os integrantes do crime organizado negociam com outros produtos ilegais. São organizações locais que conseguem colocar seus produtos em mercados mundiais. Um terceiro elemento é que têm menos hierarquias que os antigos cartéis e se parecem mais com o que conhecemos como redes. Um quarto componente é o aparato de coerção, que são grupos armados que as organizações criminosas usam para regular e proteger as economias ilegais. Nos três países a violência é um componente essencial dessas organizações. E, para completar, diria que também nos três países essas máfias impõem uma ordem social em determinadas áreas em volta do mercado clandestino.

O senhor defende no livro que as organizações estão vivendo um período de transição. Como se caracte-

teriza essa transição?

Os cabeças já não são tão importantes. Agora são mais importantes as relações e quem maneja essas relações, embora seja possível identificar certos cabeças. No Brasil, por exemplo, podemos identificar o “Marcola” (Marcos Williams Herbas Camacho), do PCC (sigla do Primeiro Comando da Capital, organização criminosa que atua principalmente nas prisões de São Paulo). Mas o PCC funciona como uma rede e se o Marcola morrer a rede continuará funcionando da mesma forma. Este é fator determinante para entender as organizações. Não se deve mais imaginar as organizações com grandes chefes como o poderoso chefe.

Como se define uma organização em rede?

Sob o ponto de vista da organização, são grupos que funcionam como empresas que se associam a outros grupos para explorar um negócio ilegal. Isso geralmente no mundo empresarial se conhece como holding. Não depende de um líder.

Sendo uma rede, sua influência na economia e na política é muito mais diversa e tem a capacidade de influenciar desde o nível local até o nível nacional e espalha seus tentáculos e influência a distintos espaços da sociedade. É mais fácil combater as estruturas grandes e identificáveis, como os antigos cartéis, do que combater um mundo disperso de criminalidade que, no momento em que uma de suas estruturas desaparece, consegue substituí-la rapidamente. E deve-se ter atenção para o que acontece nos cárceres. Na Colômbia, no México e no Brasil as prisões continuam sendo o lugar onde o crime opera. A única opção encontrada na Colômbia e no México é extraditar os capos para os Estados Unidos. Se em nossos países não tomarmos medidas para que o sistema penitenciário isole essas pessoas, dificilmente resolveremos os problemas dos crimes nas ruas.

Quem é:

Juan Carlos Garzón

● É autor do estudo **Mafia & Co - La red criminal en México, Brasil y Colombia** (Editora Planeta)

● Realizou pesquisas para a Organização dos Estados Americanos (OEA)

● É cientista político da **Universidade Javeriana** e trabalhou como pesquisador na **Fundação Segurança e Democracia**, em Bogotá

A política do presidente mexicano, Felipe Calderón, de combate ao tráfico é correta?

As medidas que estão tomando hoje são melhores do que as que se tomavam antes de Calderón, mas não são suficien-

estadao.com.br
Conheça os cartéis mexicanos responsáveis pela onda de crimes
www.estadao.com.br/e/a18